

Etnografia visual: perspectivas sobre o método como ferramenta de investigação na Ciência da Informação

Karoline Gomes de Sousa
karolinegsousa@gmail.com

Leandra Alencar Soares Lima de Passo
leandra.alencar.passo@gmail.com

Maria Giovanna Guedes Farias
mgiovannaguedes@gmail.com

Recebido em: 29/10/25

Aceito em: 26/01/26

Resumo

Desde a sua origem, a humanidade busca por meios de expressar e comunicar suas experiências, seja mediante textos, gestos ou imagens. No que concerne à última forma de linguagem citada, seu uso intensivo no cotidiano tem refletido no cenário acadêmico, impulsionando pesquisas que visam entender não apenas o significado dos elementos simbólicos, mas o seu impacto, disseminação e relevância social para diferentes grupos. Diante desse contexto, este estudo tem o objetivo de refletir sobre o uso da Etnografia Visual como instrumento de investigação na Ciência da Informação, com ênfase na análise de informações imagéticas e suas implicações socioculturais. Quanto aos aspectos metodológicos, trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter exploratório e abordagem qualitativa, baseada em pesquisa bibliográfica. Para a fundamentação teórica, foram selecionados textos científicos em bases de dados, ampliando a compreensão da temática central do estudo. Além disso, elaborou-se a proposta visual de um modelo metodológico e suas etapas cíclicas de execução. Os resultados apontam a Etnografia Visual como um método com potenciais aplicações nas produções acadêmicas da Ciência da Informação, sobretudo por viabilizar a investigação, descrição e inferências a respeito das imagens, suas características e contextos, somado ao estudo dos fenômenos sociais, culturais e identitários de determinados grupos. Entretanto, estes também indicam a necessidade de aprofundamento do tema para verificar as vantagens e fraquezas da sua utilização. Conclui-se que, a partir da sua compreensão enquanto instrumento e método, essa abordagem poderá beneficiar não apenas o referido campo, como também suas subáreas que desenvolvem investigações com enfoque nas informações imagéticas.

Palavras-chave: Etnografia visual; Informação imagética; Ciência da Informação.

Visual ethnography: perspectives on the method as a research tool in Information Science

Abstract

Since its origins, humanity has sought ways to express and communicate its experiences, whether through texts, gestures or images. With regard to the latter form of language, its intensive use in everyday life has been reflected in the academic setting, driving research that seeks to understand not only the meaning of symbolic elements, but also their impact, dissemination and social relevance for different groups. Given this context, this study aims to reflect on the use of Visual Ethnography as a research tool in Information Science, with an emphasis on the analysis of image information and its sociocultural implications. In terms of methodology, this is a narrative review of the literature, exploratory in nature and qualitative in approach, based on bibliographic research. For the theoretical foundation, scientific texts were selected from databases, broadening the understanding of the central theme of the study. In addition, a visual proposal for a methodological model and its cyclical stages of execution was developed. The results point to Visual Ethnography as a method with potential applications in academic productions in Information Science, above all because it enables research, description and inferences regarding images, their characteristics and contexts, in addition to the study of social, cultural and identity phenomena of certain groups. However, they also indicate the need to further explore the topic to verify the advantages and weaknesses of its use. It is concluded that, based on its understanding as an instrument and method, this approach may benefit not only the aforementioned field, but also its subareas that develop research focused on image information.

Keywords: *visual ethnography; image information; Information Science.*

1 INTRODUÇÃO

A informação tem sido registrada e disseminada por meio de imagens desde o período Paleolítico, assim como evidenciam as pinturas rupestres. Mediante as gravuras pré-históricas, os povos ancestrais manifestaram suas perspectivas do mundo, isto é, percebidas por eles, representando imagetivamente seus conhecimentos e contando histórias que relatavam seu cotidiano e assim, de forma ainda primitiva, elaboraram um sistema de linguagem fundamentado em uma comunicação visual que constitui, essencialmente, as primeiras formas de organização humana.

Desde os primórdios, o ser humano primitivo utilizou imagens como uma ferramenta para se comunicar. Nesse sentido, a arte rupestre também revela um traço característico da humanidade: a sua tendência intrínseca à comunicação. Essa prática, inclusive, pode ser encontrada em diversas regiões do mundo¹, uma vez que se manifestou em uma ampla diversidade de contextos geográficos e culturais. A arte expressada nas rochas e cavernas testemunha, portanto, o propósito fundamental de registrar e transmitir informações que denota a dinâmica da vida durante o Paleolítico. Assim, essas representações imagéticas retratam muito mais que símbolos, animais ou as atividades rotineiras dos hominídeos. Na verdade, desempenham um papel fundamental como registro histórico, cultural e antropológico, pois são elementos que revelam as características particulares dos grupos humanos pré-históricos.

¹ A título de exemplo, vale citar a caverna de Pech Merle, localizada na França, que possui um rico acervo iconográfico repleto de representações de bisões, cavalos e mamutes, dentre outras pinturas, das quais se destacam as mãos dispersas em vários pontos como personificação da existência humana nesse período (Novaes, 2020). Outros importantes sítios arqueológicos são a famosa Caverna de Lascaux, também situada na França, e a Caverna de Altamira, que fica no norte da Espanha (UNESCO, [2025]).

Cabe ressaltar que a imagem, compreendida como meio de comunicação juntamente com outros tipos de linguagem, desempenha um papel basilar na função cognitiva do ser humano, posto que acompanha a sua evolução, sobretudo no que tange à construção dos sentidos atribuídos aos símbolos produzidos socialmente. Ou seja, à medida que a humanidade se desenvolve, também amplia seu repertório para registrar, preservar e transmitir informação ao longo do tempo. Por essa razão, é possível inferir que a imagem desempenha um papel essencial no desenvolvimento da identidade cultural de um povo, bem como representa os modos pelos quais cada sociedade visualiza, retrata e interpreta a realidade.

Nessa perspectiva, Visalli e Godoi (2016) relatam que, nas investigações de cunho histórico, as imagens demonstraram ser importantes aliadas no processo de construção e compreensão do que se entende na atualidade acerca do conhecimento histórico produzido na sociedade. Portanto, o entendimento acerca das características de um determinado grupo social, bem como das suas ações de produção, uso e disseminação das representações imagéticas, exige um olhar mais aguçado, sobretudo para o contexto sócio-histórico-cultural que emerge de cada sociedade, uma vez que a percepção desse cenário é essencial para compreensão das idiosincrasias.

Nesse sentido, ao discutirem sobre as expressões culturais da humanidade, Visalli e Godoi (2016, p. 130) enfatizam que, por meio “[...] das imagens produzidas, podemos nos aproximar de referências sutis, simbolismos, metáforas, e de desejos e desprazeres, entre outras tantas expressões existentes nessas sociedades”. Deste modo, considerando a envergadura cultural produzida por uma comunidade, que reflete a complexidade das manifestações subjetivas resultantes da interação do ser humano com o seu entorno, a preocupação com o visual é incontestável e inerente, afinal, permeia aspectos simbólicos da vida humana que, muitas vezes, não são acessados pela linguagem verbal.

Nessa conjuntura, Joly (2007) aponta que o consumo de elementos visuais no dia a dia é feito com certa constância e, por essa razão, a compreensão de como ocorre o processo comunicacional pela linguagem imagética é fundamental, sobretudo quando apenas o contato com essas representações não é suficiente para entender as motivações, sentidos, valores e demais aspectos intrínsecos. Posto isso, as imagens se configuram como ferramentas epistemológicas, uma vez que refletem a dinâmica dos fenômenos sociais e assumem uma importância singular na pesquisa antropológica, sendo utilizadas não somente como registros do que está sendo observado, como também instrumentos de análise pela etnografia.

Essa perspectiva é reforçada pela Antropologia Visual (AV), que explora a intersecção entre imagem e cultura, bem como valoriza os registros imagéticos enquanto fontes de informação. Nesse ínterim, Fonseca (2015) define a AV como um campo da Antropologia sócio-cultural que emprega o uso de recursos imagéticos visando documentar, descrever e interpretar culturas, comunidades e determinados elementos específicos que representam os povos estudados, apresentando uma relação próxima com a etnografia, como discutido mais adiante neste artigo.

Etimologicamente, a palavra etnografia deriva do grego *ethno* que significa “povo”, enquanto *graphein* significa “escrever” (Online Etymology Dictionary, [2025]). Portanto, é o método pelo qual se propõe o estudo e a descrição dos aspectos culturais que caracterizam uma comunidade que partilha valores e tradições comuns. Ou seja, por meio da análise das imagens produzidas e consumidas por uma sociedade, é possível acessar os traços que a caracterizam. Desse modo, através da etnografia, são descritas as várias camadas que a atravessam e formam a sociedade em questão, como, por exemplo, as tradições culturais, práticas linguísticas, comportamentos, política, economia, cultos religiosos, organização das estruturas sociais, entre outros aspectos.

Além disso, o fazer etnográfico exige a imersão cultural do pesquisador, como princípio básico ao método, o qual encontrará toda a diversidade de imagens que representam uma célula da conjuntura social. Desta forma, a Etnografia Visual nasce nos conceitos adquiridos pela

Antropologia Visual ou Antropologia da Imagem (Pink, 2007), na tentativa da apreensão de uma das arestas da realidade por meio da interpretação das imagens produzidas, utilizadas e disseminadas pelos indivíduos/grupos como práticas culturais de comunicação dentro de cada segmento social investigado, consoante as suas respectivas particularidades.

Dada a onipresença das imagens na sociedade contemporânea e em suas manifestações, além da sua percepção como fonte primária de informação, o uso da EV como instrumento de análise cultural já é amplamente utilizado como método qualitativo nas Ciências Sociais, sobretudo na Antropologia e Sociologia (Pink, 2007; Kharel, 2015). Na produção científica da Ciência da Informação (CI), são localizados estudos como o desenvolvido pelas pesquisadoras Bufrem e Santos (2009), que discutem o uso da etnografia como percurso metodológico aplicável à área da CI. No referido artigo, o conhecimento é compreendido como o produto social das manifestações da cultura informacional.

No entanto, é necessário salientar que esta não é a única produção científica do campo que aborda as potencialidades da etnografia na CI, posto que outras pesquisas identificadas trouxeram, por exemplo, a utilização da netnografia ou do método etnográfico em ambientes como o prisional, a exemplo do estudo realizado por Monteiro (2020). Contudo, o uso da EV ainda demanda aprofundamento, compreensão e adoção enquanto possibilidade metodológica no campo. Logo, diante do exposto, esta pesquisa busca responder o seguinte questionamento: como a etnografia visual pode contribuir para a compreensão dos fenômenos socioculturais investigados no âmbito da Ciência da Informação?

Posto isso, mediante o entendimento de que a informação se faz presente nas relações entre a cultura, os sujeitos e seus contextos, estabeleceu-se como objetivo refletir sobre o uso da Etnografia Visual enquanto instrumento de investigação na CI, com ênfase na análise de informações imagéticas e suas implicações socioculturais. Por fim, espera-se que os debates suscitados possam resultar na elaboração de outros estudos acerca desta temática, além de expressar o anseio pelo uso deste método em pesquisas futuras do campo e de suas áreas correlatas.

2 METODOLOGIA

O desenho metodológico adotado para este estudo é moldado pela Revisão Narrativa (RN) de literatura, com o intuito de rastrear as produções científicas que versam sobre as temáticas a sustentar o objetivo da pesquisa. Entretanto, este artigo não tenciona esgotar o estado da arte, pois assim como atenta Rother (2007), por ser mais generalista, a RN promove a descrição e a interpretação de um tema por meio de seu prisma teórico, dando subsídios à análise crítica do pesquisador.

Quanto ao objetivo proposto, é classificado como sendo de caráter exploratório, visto que considera “[...] levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” (Severino, 2013, p. 107). Por esse íterim, o seu intuito é aproximar os campos do conhecimento entre a EV e a CI, com base na interdisciplinaridade de ambos, a partir de um levantamento de seus conceitos, buscando explorar as possíveis relações.

Por sua vez, a perspectiva traçada nesta pesquisa para os procedimentos é amparada metodologicamente pela pesquisa bibliográfica. Sendo assim, Köche (2011) declara que esta tem como finalidade investigar, analisar e compreender, mediante levantamento de teorias, as possíveis contribuições sobre um assunto, bem como alcançar explicações para responder questionamentos, sendo uma etapa crucial para todo tipo de estudo.

Quanto à abordagem, esta configura-se como qualitativa. É válido ressaltar que este artigo não busca atribuir valor ou estabelecer uma dicotomia entre abordagens (Bufrem, 2021), mas refletir a respeito das temáticas que fundamentam sua discussão teórica, sobretudo no que se refere a aplicabilidade do método da etnografia visual no campo da CI. Logo, a escolha do atributo qualitativo foi motivada pelo fato de que, além de ser a opção comumente empregada

em pesquisas etnográficas, não foram usados dados quantitativos para entender as relações e limitações possíveis do objeto em questão.

No que se refere ao levantamento bibliográfico, este foi realizado no período compreendido entre junho e agosto de 2025, abrangendo as seguintes fontes: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci) e Google Acadêmico. Além dessas bases, também foram consultados livros, bem como o Repositório Institucional da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Portanto, para concretização da pesquisa, foram utilizados os termos “etnografia visual”, “informação imagética” e “antropologia visual” por serem esses os principais assuntos do estudo. A busca foi sucedida tanto em português como em inglês, e, devido à extensa recuperação de literatura científica nas bases apontadas, empreendida para o desenvolvimento da fundamentação teórica, seguiu-se a trajetória dos cinco estágios de leitura estabelecidos por Salvador (1982), apresentados passo a passo na Figura 1.

Figura 1 – Os cinco estágios de leitura



Fonte: Elaborado pelas pessoas autoras com base em Salvador (1982).

Destarte, no primeiro momento, realizou-se a leitura de reconhecimento do material bibliográfico (estágio 1) com a finalidade de verificar as produções científicas alinhadas à temática central do estudo. Em seguida, foi encaminhada uma leitura exploratória (estágio 2), a fim de identificar os materiais de maior pertinência para a pesquisa. A próxima etapa contou com a leitura seletiva (estágio 3), visando a triagem do *corpus* levantado. Consecutivamente, foi efetuada a leitura reflexiva (estágio 4) para a sumarização das informações e, por último, a leitura interpretativa (estágio 5), com o intuito de realizar uma associação entre as ideias propostas nas obras selecionadas que pudessem responder à problemática e o objetivo. Logo, discutem-se nas próximas seções as temáticas que orientam a pesquisa, resultado da análise dos textos selecionados.

3 ETNOGRAFIA VISUAL: A IMAGEM COMO INSTRUMENTO CIENTÍFICO

De maneira geral, a pesquisa etnográfica está intrinsecamente atrelada à cultura visual, bem como aos métodos para registro e documentação dos diversos comportamentos humanos, a fim de que se possa fazer a descrição de uma sociedade o mais próximo possível do que foi percebido e vivenciado através da perspectiva do pesquisador. Assim, o seu viés pode ser categorizado como observação invisível ou participante, sendo o segundo mais comum no trabalho de campo realizado pelo etnógrafo.

Ao estudar um determinado grupo social, esse especialista além de fazer uma varredura em documentos textuais para levantar dados acerca daquela cultura, também recorre a vários

suportes imagéticos de modo a articular, por meio da captura de imagens (fotografia, audiovisual, desenho etc.), inferências em que por vezes a escrita não consegue contemplar. Bittencourt (1994) corrobora com o pensamento afirmando que as manifestações visuais ampliam as possibilidades de interpretação dos discursos para além do texto na sua forma escrita, ou seja, a experiência é documentada imageticamente, permitindo outra linha de pensamento para interpretações de fenômenos culturais.

Ribeiro (2005, p. 621) enfatiza que “A primeira função das imagens em antropologia foi (e é) documentar, isto é, criar algo portador de informação que traz em si a inscrição e o registo de um acontecimento observável ou verificável”. A respeito disso, é importante ressaltar que inicialmente o uso dos métodos visuais foi bastante rejeitado pelo arquétipo preponderante nos estudos de Antropologia, tendo em vista sua forte subjetividade atrelada à interpretação imagética. Nesse sentido, Van den Scott (2018, p. 722, tradução nossa) esclarece que:

Do início dos anos 1900 até a década de 1950, a antropologia dominante, desconfiada dos métodos visuais, rejeitou-os. A fotografia etnográfica continuou a ser utilizada, porém, menos para análise e mais para contextualização. A produção de filmes etnográficos tornou-se mais comum nas décadas de 1970 e 1980, apesar do afastamento da antropologia aplicada. Os métodos visuais, embora ainda marginais, tornaram-se uma tradição que se desenvolveu lentamente.

Logo, observa-se que o conhecimento antropológico era legitimado somente através da linguagem escrita, ou seja, os relatos e as descrições etnográficas oriundas das pesquisas eram exclusivamente textuais. Dessa forma, a imagem ocupava o lugar de instrumento ilustrativo, sem valor analítico, sendo posto como elemento secundário no relato etnográfico e, portanto, ignorado como recurso e suporte de informação de valia para melhor compreensão dos contextos sociais. Entretanto, segundo Ribeiro (2005), L. F. Regnault inaugurou o uso das imagens em antropologia para realizar comparações de atitudes, movimentos e técnicas entre os povos. De acordo com o autor, Regnault idealizava, com isso, a identificação cultural do corpo e do movimento, onde a imagem era a base fundamental de sua análise (Ribeiro, 2005).

Ao passo que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) avançaram, a utilização dos recursos visuais passou a ser entendida como essencial para o aprimoramento da análise antropológica e, conseqüentemente, no âmbito da etnografia, contribuindo diretamente para as práticas de pesquisa. Diante dessa perspectiva, Ribeiro (2005, p. 637) argumenta que as TDIC não somente atuam como “[...] instrumentação de trabalho de campo, mas também de organização e tratamento da informação, realização, montagem, produção e circulação-divulgação, e também como meio e modo de análise”, trazendo, portanto, contribuições substanciais para as pesquisas em Antropologia, uma vez que permitem acessar outras possibilidades de observação e análise das culturas humanas.

Nesse sentido, as imagens perdem a função de auxiliar a contextualização da pesquisa antropológica e resgatam seu protagonismo, posto que, como afirmam Schembri e Boyle (2013, p. 1551, tradução nossa), o material visual coletado no “processo de imersão cultural serve como uma ferramenta de investigação eficaz e credível na busca de recolher e analisar provas empíricas, bem como divulgar resultados de investigação”. Dessa maneira, compreende-se que as imagens não são apenas registros, pois atuam como fontes de conhecimento que documentam e comunicam algo, mesmo que num primeiro instante essa informação não seja facilmente identificada exigindo, portanto, que o pesquisador se debruce sobre a fonte imagética para análise mais profunda.

É prudente ressaltar ainda que, para alcançar a relevância das análises imagéticas, é preciso insistir em uma abordagem reflexiva para identificação de traços e padrões culturais de um povo. Considerando isso, mesmo não havendo um modelo sistematizado para se realizar a EV, cada pesquisador desenvolve o método que julga como mais viável de aplicabilidade no

estudo. Contudo, Bittencourt (1994) reitera que a associação dos elementos visuais estabelece a construção de um contexto, e, a partir disso, é possível atribuir de forma limitada as possibilidades de interpretação dos significados. Deste modo, a organização dos conteúdos imagéticos deve priorizar o significado antropológico dentro daquela cultura específica, pois sem essa concepção, retornaria a meros apoios contextuais dos registros de campo.

Pink (2007) defende que a utilização do método etnográfico para analisar os recursos visuais se mostra totalmente viável quanto ao uso da *internet* para a exploração de elementos que representam a cultura estudada. Ainda consoante a autora, esse processo pode consistir na primeira fase do trabalho de campo em pesquisas que recorrem à EV como método para análise das representações visuais de uma determinada cultura (Pink, 2007). Em busca de um roteiro para as análises dos documentos visuais inseridos no modelo etnográfico, Schembri e Boyle (2013, p. 1552, tradução nossa) atentam que:

Semelhante ao tratamento do texto escrito, o texto visual é comparado, contrastado e classificado em categorias até que um aspecto particular da cultura seja identificado. Segmentar e deslocar o texto (com software de edição de vídeo) em unidades relevantes e significativas que mantenham uma conexão com toda a experiência cultural é o objetivo deste processo analítico.

Dessa maneira, como a imagem possui sua própria lógica narrativa, Fonseca (2015) reforça que o antropólogo é aquele que interpreta, e suas observações e inferências promovem a relação entre o entendimento e a explicação do seu objeto de estudo. A autora também ressalta que “o discurso antropológico é um processo representacional e comunicativo”, e, como resultado, busca dialogar com as descobertas com o que é conhecido (Fonseca, 2015, p. 2). Portanto, a EV, enquanto método qualitativo, possibilita a leitura das representações de uma cultura que, por meio da interpretação imagética, reconecta o pesquisador à essência do mergulho cultural, observando essa experiência como vetor comunicativo para a disseminação desse conhecimento.

Consoante a esse contexto, Kharel (2015, p. 157) aponta que a EV permeia todo o processo antropológico, isto é, “[...] desde o registro dos dados, passando pela sua análise até a divulgação dos resultados da pesquisa”. Entretanto, é importante ressaltar que a EV não se esgota em sua dimensão instrumental ou tão pouco se limita às etapas metodológicas destacadas pelo autor. Isto posto, concebe-se que a própria natureza das imagens requer uma observação crítica e minuciosa à sua pluralidade de sentidos, uma vez que o universo visual é consideravelmente mais complexo do que outros sistemas de linguagem empregados na sociedade (Novaes, 2020). Nesse momento, cabe ressaltar que ao entrar em contato com elementos visuais produzidos por um determinado grupo social, essas imagens expressam diversas informações através das formas, cores, texturas, dimensões, gestos, símbolos e contexto que, muitas vezes, apresentam uma diversidade de significados acerca da cultura dessa sociedade. Nessa perspectiva, Campos (2012, p. 21-22) complementa que a:

[...] a cultura visual de uma comunidade ou povo, seria constituída não apenas pelas suas criações pictóricas e gráficas, mas igualmente, pelas gramáticas visuais e suas formas de comunicação, bem como, pelas relações sociais, culturais e simbólicas que se estabelecem no âmbito da fabricação e partilha dos bens visuais.

Em suma, a ânsia pela compreensão da diversidade cultural, assim como o entendimento dos aspectos das culturas visuais que permeiam uma sociedade, oportuniza o uso da EV para campos além da Antropologia à medida que a imagem é compreendida como espelho de representação e veículo de comunicação. Sá (2018, p. 93) depreende que “[...] toda representação do conhecimento é social e simbólica e que representar significa o ato de colocar algo no lugar [...]”, logo, se cada sociedade produz sua simbologia própria, com toda sua rede

conectada por significados e significantes pertinentes ao uso desses sujeitos, a EV sustentaria a descrição de cada uma delas.

Frente ao exposto, entende-se que a cultura visual² inevitavelmente ocupa vários estratos da sociedade, representada em uma gama de esferas, da ordem das trocas informacionais, que espelham as características socioculturais de cada grupo, afinal, o mundo está envolto por imagens que são vistas o tempo inteiro, espalhadas por toda parte e com significados múltiplos, conforme destaca Novaes (2020). O autor complementa, ainda, explanando sobre a importância das imagens para o entendimento de uma cultura, tendo em vista que os antropólogos buscam captar os aspectos visuais de uma cultura por meio de diferentes fontes imagéticas que refletem, sobretudo, a linha da evolução social.

Embora a EV tenha sua raiz semeada na Antropologia, Laplantine (2004) a concebe como uma disciplina que não é autônoma e, em função disso, dialoga inevitavelmente com outros campos do conhecimento, como, por exemplo, “[...] as ciências naturais, a pintura, a fotografia, a fenomenologia, a hermenêutica, a teoria da tradução, as ciências da linguagem [...]” (Laplantine, 2004, p. 10), reforçando, por conseguinte, sua dimensão interdisciplinar. A partir dessa compreensão, torna-se evidente que incorporar novos nichos de estudos à EV é completamente factível, uma vez que oportuniza, sobretudo, a realização de um fazer etnográfico mais articulado com outras narrativas teóricas, permitindo ao pesquisador etnográfico uma visão mais ampla da realidade. Isto posto, na seção seguinte, são abordadas as interconexões entre a EV e a CI, a fim de trazer essa visibilidade.

4 DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE A ETNOGRAFIA VISUAL E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Visto a sólida presença das imagens no mundo contemporâneo, o fenômeno comunicacional por meio da linguagem imagética é inegável. Fonseca (2015) declara que as fotografias, por exemplo, mesmo quando não retratam pessoas, são, de alguma forma, documentos que refletem os valores, marcas culturais, tradições e demais elementos da vivência humana e que assumem, como consequência, um significado antropológico. Nesse sentido, cabe enfatizar que a informação representada por recursos imagéticos assinala características específicas de cada sociedade, evidenciando, principalmente, estruturas simbólicas que ultrapassam o estigma de serem meramente ilustrativas.

Em consonância a este pensamento, destaca-se a perspectiva de Geertz (2008, p. 150) ao esclarecer que mediante “[...] padrões culturais, amontoados ordenados de símbolos significativos”, o ser humano busca e atribui importância e sentido aos acontecimentos que vivencia. Ou seja, neste montante simbólico, uma imagem pode trazer significados místicos e expressar mensagens diferentes a partir das percepções dos indivíduos e grupos sociais que a analisam, em primeiro momento. Essa construção interpretativa por meio da vivência e socialização reiteram que os estudos de informação têm um suporte teórico cultural suficientemente voltado para estabelecer relações entre a representação e a cultura.

Assim, as imagens firmam três perspectivas de práticas do fazer etnográfico, segundo Van den Scott (2018). A primeira premissa determina que dados visuais constituem a própria história em si, revelando dimensões simbólicas e culturais acerca do contexto observado. Já a

² A cultura visual pode ser compreendida como um sistema no qual as representações visuais, bem como o modo de observar essas imagens, são moduladas por fatores históricos e culturais. Assim, é pertinente lembrar que a cultura visual não se limita exclusivamente à produção de instrumentos visuais, que contempla também a comunicação visual, mas envolve, do mesmo modo, a percepção de que estabelecem relações no campo do visível com suas respectivas idiossincrasias, segundo Campos (2012). Posto esse panorama, o autor defende que é preciso, antes de tudo, levantar o questionamento sobre quem observa, o que está sendo observado e de que modo essa observação é realizada, pois para o autor a resposta desses aspectos são fundamentais para compreender uma determinada cultura visual, sobretudo em consideração ao período histórico ou recorte social que ela representa.

segunda perspectiva se relaciona com a ideia de que, por meio das imagens, é possível alcançar as histórias tanto dos participantes quanto do próprio pesquisador em seu processo de compreensão. Sobre esse último aspecto, o autor elucida que, durante a pesquisa de campo, diversas imagens podem ser produzidas, como fotografias, vídeos, mapas, diagramas de *brainstorming*, dentre outros. Esse conteúdo imagético, portanto, permite acessar diversas interpretações, sentidos, nuances e detalhes evidenciados no processo de análise do material registrado. Por fim, a última perspectiva compreende o método visual como um instrumento pelo qual surge a possibilidade de tecer uma narrativa histórica.

O contexto da CI apresenta alguns delineamentos para a representação dos elementos culturais, a saber: pela mediação cultural, no estudo dos fenômenos mediante as práticas informacionais, pela memória social ou até pela ótica da representação da informação. Assim, autorias como Marteleto (1994, 2007), Cavalcante (2009), Araújo (2016), Bufrem e Santos (2009), Feitosa (2016) e demais pesquisadores da área se empenharam em trazer contribuições para conceituar o termo em nosso campo.

Diante dessa conjuntura, Bufrem e Santos (2009, p. 160) descrevem a cultura como o elo “[...] que permite tanto a reflexão quanto a criação de novos conhecimentos e práticas para refundar os elos entre informação e sociedade,” enquanto Feitosa (2016, p. 102) a percebe como “o processo através do qual o homem cria o algo onde antes imperava o nada”, definições com matriz similar que corroboram para o entendimento de um conceito complexo e fruto das trocas humanas. Dado que a cultura influencia os comportamentos informacionais dos sujeitos, isto é, ela altera o *modus operandi* pelo qual um grupo social compreende e representa uma informação, logo, a cultura visual é concebida como zona de convergência entre a CI e a etnografia visual.

Nesse sentido, Mattos (2011) reforça que a etnografia estuda, primordialmente, como as ações do cotidiano são conduzidas pelos indivíduos ou pelo coletivo. Segundo a autora, o objetivo do método etnográfico é encontrar as estruturas significantes que permeiam as relações sociais a fim de observar, documentar e interpretar práticas sociais e culturais, afinal, os sujeitos, socializados em culturas diversas, trazem consigo um arcabouço interpretativo variável e profundo, expressando faltas, desejos e anseios por meio de um processo que se dá também de maneira informacional. Para Geertz (2008) um dos recursos possíveis para que o pesquisador possa apreender esses significados é recorrer ao método de observação de cunho etnográfico chamado de descrição densa³, que viabiliza a compreensão dos diversos contextos que se manifestam em uma cultura.

Posto que a informação e a cultura estão intrinsecamente ligadas, ou seja, a interpretação de ambas não podem ser desassociadas, analisar a cultura visual torna-se, portanto, um aspecto basilar na assimilação das facetas de uma sociedade, uma vez que toda produção e disseminação informacional ocorrem em um contexto cultural específico. Por conta disso, Lanclós e Asher (2016, não paginado, tradução nossa) defendem que “[...] os métodos etnográficos são excelentes para elucidar descrições ricas das experiências das pessoas, bem como para responder a perguntas do tipo “por que” e “como” sobre processos e práticas sociais e culturais.”

Entretanto, conforme alerta Jorente (2012, p. 21), é preciso considerar ainda que “[...] os suportes de informação determinam formas de acumulação ou de estocagem e também de abordagem para sua “leitura” e compreensão”. Nesse sentido, as imagens engendram um modelo para análises das práticas culturais e representações sociais acerca de uma comunidade, afinal, toda imagem é reflexo de um recorte histórico e, portanto, consequência dos contextos sociais e culturais em que são produzidas. Com isso, torna-se viável vislumbrar a etnografia

³ Noção extraída dos ensaios do filósofo Gilbert Ryle, mas que veio a se popularizar mediante Clifford Geertz. Em seu livro “A interpretação das culturas”, Geertz (2008) apresenta a expressão “descrição densa” como método de observação que busca a compreensão dos significantes envolvidos em uma cultura.

como instrumento significativo para a compreensão dos fenômenos informacionais com ênfase na informação imagética⁴. Martínez, Alcará e Monteiro (2019, p. 19) ratificam este pensamento quando afirmam que:

[...] a literatura existente mostra que a etnografia fornece métodos e instrumentos importantes para entender não apenas processos culturais ainda não compreendidos, mas formas de representação do conhecimento e compartilhamentos das informações. Portanto, pode-se afirmar que a etnografia é um método relevante nas Ciências Sociais, e entre elas, a Ciência da Informação.

Outro campo de interesse da CI que vale a pena mencionar é a representação do conhecimento por meio de imagens para a comunicação e divulgação científica. Maimone e Tálamo (2008) defendem que as imagens, assim como outros tipos de documento, configuram fontes de informação e comunicação, e, portanto, apresentam características complementares para compreender determinados aspectos de uma realidade, bem como geram novos conhecimentos.

Sobre essa perspectiva, Van den Scott (2018) entende que os registros imagéticos podem desempenhar um papel significativo ao comunicar e divulgar pesquisas para públicos que não estão inseridos no contexto acadêmico e encontram dificuldades para compreender a informação produzida por pesquisadores, sobretudo devido ao uso frequente de jargões, fórmulas, gráficos e afins presentes nas produções científicas que, muitas vezes, precisam de uma “tradução” para uma linguagem mais simplificada.

Sabe-se que a ciência progride a partir do seguinte tripé: o diálogo entre os pesquisadores, a validação por pares e, por fim, a disseminação do conhecimento, tanto para a comunidade acadêmica quanto para o público em geral. A respeito disso, Torres (2025, p. 78) sublinha que “[...] a comunicação da ciência é parte intrínseca do fazer científico, estando presente em todos os processos - da busca, da produção e do compartilhamento do conhecimento científico”. Com isso, reitera-se a potencialidade da imagem como recurso aliado à disseminação da informação, conceito este que é de suma importância para CI. Por outro lado, Lanclos e Asher (2016) afirmam que essa abordagem evidencia os significados intrínsecos da cultura de uma biblioteca, uma vez que proporciona novas perspectivas acerca do corpo discente e docente que não é possível acessar em nenhum outro lugar.

Dessa forma, se a etnografia proporciona os recursos necessários para decifrar os significados culturais inerentes à informação visual, na CI é possível vislumbrar a possibilidade de associá-los aos demais aspectos que compõem o percurso metodológico. Este entendimento parte do pressuposto de que a informação permeia parte desse processo por meio das representações ou práticas informacionais, tendo como base de estudo a imagem como fenômeno info-comunicacional.

Sendo a CI “[...] uma área científica voltada para as necessidades informacionais dos indivíduos organizados em sociedade” (Santos; Alves; Oliveira, 2019, p. 44), entende-se que as manifestações culturais registradas em fotografias e demais recursos visuais também se configuram como ponto de interesse dos pesquisadores do campo, ultrapassando, dessa forma, o fazer etnográfico tradicional. Portanto, evidenciada a atmosfera na qual a EV se manifesta em sua interação com a CI, observa-se o método como instrumento cabível de aplicação nas pesquisas da área. Sendo assim, é importante ressaltar que a EV possibilita concatenar e descrever os eixos da cultura e da informação de instituições e grupos sociais, permitindo, com isso, a interpretação da rede de significados pertinentes a eles.

⁴ O conceito de informação imagética ainda não é concreto na área da CI devido à ausência de uma precisão terminológica (Santos; Alves e Oliveira, 2019) e, por isso, necessita que mais estudos sobre essa temática sejam desenvolvidos para que essa definição seja consolidada.

Diante de tais considerações, a Figura 2 apresenta a proposta de um desenho do método etnográfico visual e suas etapas de execução, com base nas leituras e inferências das produções de Schembri e Boyle (2013), Pink (2007) e Geertz (2008), bem como das discussões suscitadas ao longo deste artigo. A elaboração deste modelo tem como intuito simplificar o entendimento do método, por meio da associação entre ação e imagem.

Figura 2 – Etapas do Método da Etnografia Visual



Fonte: Elaborado pelas pessoas autoras (2025).

A partir da figura acima, nota-se que, embora apresente etapas sequenciadas, o método é cíclico e não linear, ou seja, é possível voltar e repetir os procedimentos sempre que necessário. Em uma situação hipotética, supondo que após a organização, análise e triangulação das informações obtidas seja requerido voltar ao ambiente para realizar novos registros, bem como dialogar com o grupo estudado, o pesquisador poderá fazê-lo sem prejudicar a investigação ou descartar aquilo que já foi coletado e examinado. Isso ocorre porque, conforme explicam Schembri e Boyle (2013), durante o processo de pesquisa etnográfica, o pesquisador busca aproximar-se ao máximo do fenômeno investigado; porém, como este não consegue ver com a mesma percepção do sujeito inserido no contexto em foco, utiliza do registro visual para compreender o universo cultural analisado.

Nesse sentido, é necessário salientar que todo significado imagético é fruto de uma construção social, portanto, emerge de um processo complexo, dinâmico e subjetivo. Posto isso, compreende-se que as imagens reafirmam seu caráter ambíguo na medida que variam conforme o contexto histórico, cultural e discursivo em que estão inseridas, exigindo do observador conhecimento dos códigos culturais intrínsecos para ocorrer o processo de interpretação. Essa perspectiva permite visualizar as representações imagéticas por meio das suas nuances e detalhes, denotando seu aspecto documental a partir do tipo de olhar informacional que a etnografia terá sobre o material em foco de estudo.

Por conseguinte, diante do modelo apresentado e das ponderações sobre sua funcionalidade, é válido identificar a EV como uma abordagem aplicável à CI na investigação da informação imagética, isto é, os elementos visuais de uma cultura. No entanto, também é necessário reconhecer a necessidade de um estudo mais detalhado da temática, sobretudo para avaliar os benefícios e desvantagens do seu uso metodológico. Com isso, este estudo busca aspirar que os diálogos estabelecidos neste artigo reverberem em outras produções científicas que possam contribuir para uma base sólida de debates e reflexões a respeito da utilização da EV na área.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como discutido ao longo deste artigo, a etnografia visual tem seu berço de origem na antropologia visual e nasce do interesse por estudar a idiosincrasia pertinente aos povos, principalmente às culturas ditas como colonizadas. Pela lente deste subcampo, é possível acessar a compreensão das diferentes formas de existir no mundo, sobretudo no tocante à cultura visual. Em vista disso, progressivamente surgem adeptos dessa metodologia para descrição e análise das imagens provenientes de uma parcela da sociedade, a fim de que se possa estudar os modelos de representação visual de uma cultura específica e como a sociedade em questão está imbricada com seus discursos imagéticos.

Deste modo, esta pesquisa buscou tecer reflexões para o uso do método etnográfico visual no campo da CI, dispondo como suporte a interdisciplinaridade das searas científicas abordadas no aporte teórico. Mediante as discussões sobre suas potencialidades nos estudos antropológicos, foi possível identificar aspectos interessantes para sua aplicação metodológica na CI, sobretudo na análise, interpretação e inferências sobre informações imagéticas de determinados núcleos sociais que estejam em foco de estudo.

Portanto, a partir deste panorama, tendo como aspecto basilar o conceito de descrição densa e os estudos sobre a utilização da EV como método funcional em outras áreas do conhecimento, foi possível explorar neste estudo as possibilidades de uso da EV, fundamentando-a enquanto instrumento de análise da tessitura social aplicável à CI. Desse modo, a elaboração de um modelo visual e cíclico, com o propósito de apresentar as etapas de execução do método e suas funções, resultou das leituras e inferências das pessoas autoras.

Diante das conexões estabelecidas, ressalta-se a EV como método opulento que traz contribuições substanciais para a CI, especialmente quanto ao fomento de descrições meticulosas acerca das informações imagéticas, cooperando, ainda, para subáreas do campo. Como exemplos, tem-se a Análise Documental de Imagens, Representação Temática da Informação, Práticas Informacionais, Estudos de Usuários, dentre outras que produzem análises da informação imagética em seu leque de possibilidades de pesquisa. Ademais, considerando que as discussões continuam em seu estágio inicial, torna-se imperativo um aprofundamento teórico e metodológico da temática, visando aperfeiçoar suas possíveis abordagens e debates que possam emergir em pesquisas futuras na área.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Novo quadro conceitual para a Ciência da Informação: informação, mediações e cultura. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/404>. Acesso em: 24 ago. 2025.

BITTENCOURT, Luciana. A fotografia como instrumento etnográfico. **Anuário Antropológico**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 225–241, 1994. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6536>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BUFREM, Leilah Santiago. Qualidade e quantidade como categorias indissociáveis de pesquisa. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 26, n. 4, p. 200–222, 2021. DOI: 10.5433/1981-8920.2021v26n4p200. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44970>. Acesso em: 18 jan. 2026.

BUFREM, Leilah Santiago; SANTOS, Sandra de Fátima. Ciência da informação e uso metodológico da etnografia. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 148–174, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/921>. Acesso em: 20 jun. 2025.

CAMPOS, Ricardo. Cultura Visual e o olhar antropológico. **Visualidades**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 17-37, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23083/13629>. Acesso em: 19 jun. 2025.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Cultura escrita: práticas de leitura e do impresso. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. especial, p. 1-12, jan./jun. 2009. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/22736/1/2009_art_lecavalcante.pdf. Acesso em: 24 ago. 2025.

FEITOSA, Luiz Tadeu. Complexas mediações: transdisciplinaridade e incertezas nas recepções informacionais. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 98-117, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/3064>. Acesso em: 19 jun. 2025.

FONSECA, Gleice Monica Nery. **Antropologia Visual**: surgimento e áreas de atuação. Nupea, 2015. p. 1-7. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/870486066/3-FONSECA-Gleice-Monica-Nery-AntropologiaVisual-Surgimento-e-Areas-de-Atuacao>. Acesso em: 31 ago. 2025.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

JOLY, Martine. **Introdução à análise de imagem**. Lisboa: Ed. 70, 2007.

JORENTE, Maria José Vincentini. Impacto das tecnologias de Informação e comunicação: cultura digital e mudanças sócio-culturais. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 13-25, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/300f3dad-0d0a-4805-b71c-9abbee986088/content>. Acesso em: 25 jun. 2025.

KHAREL, Dipesh. Visual Ethnography, Thick Description and Cultural Representation. **Dhauagiri Journal of Sociology and Anthropology**, [S. l.], v. 9, p. 147–160, 2015. DOI: 10.3126/dsaj.v9i0.14026. Disponível em: <https://www.nepjol.info/index.php/DSAJ/article/view/14026>. Acesso em: 19 jun. 2025.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2011.

LANCLOS, D. ASHER, A. D. “Ethnographish”: The State of the Ethnography in Libraries. **Weave - Journal of Library User Experience**, [S. l.], v. 1, n. 5, n. p., 2016. Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/w/weave/12535642.0001.503?view=text;rgn=main>. Acesso em: 28 ago. 2025.

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. São Paulo: Terceira Imagem, 2004.

MAIMONE, Giovana Deliberali; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Tratamento informacional de imagens artístico-pictóricas no contexto da Ciência da Informação. **Data Grama Zero**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 1-10, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6242>. Acesso em: 19 jun. 2025.

MARTELETO, Regina Maria. O lugar da cultura no campo de estudos da informação: cenários prospectivos. **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, p. 13-26, 2007. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/001852077.pdf#page=13>. Acesso em: 24 ago. 2025.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura da modernidade: discussões e práticas informacionais. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 23, n. 2, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/38275/29815>. Acesso em: 24 ago. 2025.

MARTÍNEZ, Luis Carlos Pérez; ALCARÁ, Adriana Rosecler; MONTEIRO, Silvana Drumond. A etnografia na Ciência da Informação: um método para espaços virtuais. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 24, n. 56, p. 1-23, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/147/14763093010/14763093010.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2025.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In*: MATTOS, CLG., CASTRO, PA., (Orgs). **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <https://backoffice.books.scielo.org/id/8f CFR/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.

MONTEIRO, Ciro Athayde Barros. O percurso metodológico de uma pesquisa no ambiente prisional na área de Ciência da Informação: limites e potencialidades da Etnografia. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 30, n. 3, p. 1-27, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n3.54075. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/54075>. Acesso em: 8 ago. 2025.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Antropologia e imagem. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 15, n. 3, p. 13-27, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/32998>. Acesso em: 19 jun. 2025.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. Ethnography - Etymology, Origin & Meaning. Online Etymology Dictionary, **Etymonline**, 2025. Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/ethnography>. Acesso em: 23 ago. 2025.

PINK, Sarah. **Doing Visual Ethnography**. Thousand Oaks; California: Sage Publications, 2007.

RIBEIRO, José da Silva. Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 613-648, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27220>. Acesso em: 19 jun. 2025.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, [S.l.], v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 ago. 2025.

SÁ, Alzira Tude de. A imagem fotográfica como representação e documento: um estudo a partir das fotografias de objetos da sala de visitas do escritor Jorge Amado. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 28, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/37898>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**: elaboração de trabalhos científicos. 10. ed. Porto Alegre: Sulina, 1982.

SANTOS, Ana Cláudia de Araújo; ALVES, Edvaldo Carvalho; OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. O conceito de informação imagética na Ciência da Informação: aproximações teórico-conceituais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 39-65, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4656/465658944002/465658944002.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SCHEMBRI, Sharon; BOYLE, Maree V. Visual ethnography: Achieving rigorous and authentic interpretations. **Journal of Business Research**, v. 66, n. 9, p. 1251-1254, 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0148296312000537>. Acesso em: 8 ago. 2025.

TORRES, Adriana Aparecida Lemos. **Análise do potencial das imagens em parques urbanos para a divulgação científica**: um estudo em Belo Horizonte. 2025. 278 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/5f35df02-6127-4e0b-8a0d-afbf4358b2b4>. Acesso em: 15 ago. 2025.

UNESCO. Cave of Altamira and Paleolithic Cave Art of Northern Spain. **World Heritage Centre**, UNESCO, [2025]. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/310/>. Acesso em: 5 jul. 2025.

VAN DEN SCOTT, Lisa-Jo K. Visual Methods in Ethnography. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 47, n.6, p. 719-728, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0891241618806972>. Acesso em: 19 jun. 2025.

VISALLI, Angelita Marques; GODOI, Pamela Wanessa. Estudos sobre imagens medievais: o caso das iluminuras. **Diálogos**, Maringá, v. 20, n. 3, p. 129-144, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/33666>. Acesso em: 28 ago. 2025.